

A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DE CAMPO NA COMPREENSÃO DA DINÂMICA AMBIENTAL DA BACIA DO RIO CARAÍVA (BA)

Emanuele Ribeiro Sanches[1]
Welison Nascimento Meira[2]
Washington de Jesus Caires[3]
Fernanda da Silva Almeida[4]
Marcelo Araújo da Nóbrega[5]

Palavras-chave: Bacia hidrográfica; Sustentabilidade socioambiental; Trabalho de campo.

INTRODUÇÃO

O trabalho de campo foi realizado entre os dias 27 e 29 de junho de 2024, no âmbito da disciplina *Hidrografia* (DG 0740), vinculada ao Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Vitória da Conquista, sob a coordenação do professor Dr. Marcelo Araújo da Nóbrega. A proposta teve como foco a análise da bacia hidrográfica do rio Caraíva, que se origina no município de Itabela (BA) e percorre aproximadamente 61 km até sua foz no Oceano Atlântico, no povoado de Caraíva, município de Porto Seguro (BA).

[1] Graduanda do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *campus* de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. *E-mail:* 201920072@uesb.edu.br.
[2] Graduando do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *campus* de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. *E-mail:* 202210477@uesb.edu.br.
[3] Graduando do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *campus* de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. *E-mail:* 202020728@uesb.edu.br.
[4] Graduanda do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *campus* de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. *E-mail:* 202210331@uesb.edu.br.
[5] Professor titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *campus* de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. *E-mail:* marcelo.nobrega@uesb.edu.br.

A iniciativa buscou articular os conteúdos teóricos discutidos em sala com a observação direta no território, permitindo uma análise integrada da paisagem e das características físico-ambientais locais. O foco principal esteve na compreensão dos aspectos relacionados à dinâmica hidrológica e ambiental da bacia, bem como nas estratégias de gestão e conservação dos recursos hídricos. O presente texto tem como objetivo relatar e refletir sobre as atividades desenvolvidas durante o trabalho de campo, destacando sua contribuição para a formação acadêmica e para a aplicação prática dos conhecimentos geográficos.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

O rio Caraíva nasce no município de Itabela (BA) e percorre aproximadamente 61 km até sua foz no Oceano Atlântico, no povoado de Caraíva, município de Porto Seguro (BA), abrangendo uma área estimada de 1.278 km². A área da bacia apresenta um regime pluviométrico médio anual de 1.800 mm e temperaturas médias anuais de 24,9 °C, configurando um clima tropical quente úmido a subúmido (ROEDER, 1975 apud LEAL *et al.*, 2004, p. 4). Tais condições favorecem a perenidade do curso d'água, condicionada também pelos elevados índices de precipitação registrados ao longo do ano.

Conforme Silva *et al.* (2021), a bacia hidrográfica constitui uma unidade territorial estratégica para o planejamento e a gestão ambiental, pois integra os sistemas ecológicos e biológicos em interface com as transformações no uso e ocupação do solo e suas repercussões ecológicas, sociais e econômicas. A análise e o monitoramento das bacias tornam-se, assim, fundamentais para o equilíbrio entre os distintos usos da terra e para a conservação dos ecossistemas. Esse processo inicia-se pela caracterização do estado atual da bacia e da situação desejada, permitindo sua classificação em categorias analíticas que orientam a definição de estratégias específicas adaptadas às particularidades de cada contexto.

Na bacia hidrográfica do rio Caraíva, verifica-se a predominância de solos derivados das formações do Grupo Barreiras, os quais favorecem a formação de redes de drenagem densa. Esses solos estão associados a uma cobertura vegetal composta por floresta ombrófila densa, pertencente ao bioma Mata Atlântica. A caracterização feita por Gouvêa (1976, citado por Leal *et al.*, 2004) ressalta que essa vegetação é marcada por uma diversidade de espécies higrófilas e pela existência de diferentes estratos altimétricos, conformando uma floresta heterogênea e perene, que permanece verde ao longo de todo o ano.

Acerca dessa formação vegetal (Figura 01), localizada nas proximidades da bacia do rio Caraíva, Leal *et al.* (2004, p. 5) apresentam contribuições relevantes quanto à sua estrutura e importância ecológica. A dinâmica ecológica local é caracterizada por uma rápida ciclagem de nutrientes, o que evidencia a elevada sensibilidade dos ecossistemas à supressão da vegetação nativa, comprometendo, por conseguinte, sua sustentabilidade. Nesse contexto, destacam-se as ações de conservação voltadas à proteção dos recursos naturais, como a criação de unidades de conservação e áreas protegidas. Um exemplo significativo é a Reserva Extrativista Marinha de Corumbau (Figura 02), que integra os esforços para garantir a preservação ambiental e o uso sustentável dos ecossistemas costeiros.

Figura 1 — Floresta ombrófila densa no entorno da bacia hidrográfica do rio Caraíva



Fonte: Elaborado pelos autores, 2024

Figura 2 — Reserva Extrativista Marinha do Corumbau



Fonte: Elaborado pelos autores, 2024

Na Península de Corumbau, foram identificados ecossistemas de elevada relevância ecológica, como manguezais, restingas e remanescentes de florestas primárias. Os manguezais, caracterizados por solos argilosos e raízes expostas, configuram ambientes de transição entre os meios terrestre e marinho, estando fortemente sujeitos à influência das marés. A área abriga importantes unidades protegidas, como o Parque Nacional e Histórico do Monte Pascoal, a Reserva Indígena Pataxó e a Área de Proteção Ambiental (APA) Caraíva-Trancoso, que desempenham papel fundamental tanto na preservação da biodiversidade quanto na salvaguarda dos territórios tradicionais.

O Parque Nacional e Histórico do Monte Pascoal, além de sua significativa importância histórica e cultural — por ser o local de chegada dos portugueses ao atual território brasileiro — abriga um dos últimos remanescentes de floresta de terra baixa do bioma Mata Atlântica. Segundo Leal *et al.* (2004, p. 9), "em seus limites encontram-se três fases distintas do ciclo que contribuíram decisivamente para a transição entre os ecossistemas do litoral e da floresta densa dos tabuleiros terciários". O Monte Pascoal, com 536 metros de altitude, destaca-se como o mais notável afloramento da fase mais antiga, rodeado por floresta Atlântica densa, regiões alagadiças, áreas de restinga, mangue e praia. As demais fases correspondem, respectivamente, às rochas sedimentares do Grupo

Barreiras, que formam os tabuleiros, e aos sedimentos aluviais e costeiros dos períodos terciário e quaternário.

A Reserva Indígena Pataxó originou-se em 1861 por iniciativa do governo da Província da Bahia, visando reunir diferentes comunidades indígenas dispersas em um único aldeamento. Com o tempo, os Pataxós expandiram sua ocupação para uma ampla área que se estendia desde a base do Monte Pascoal até o litoral, e dos rios Caraíva ao norte até Corumbau ao sul. Em 1961, o governo federal delimitou os contornos do Parque Nacional de Monte Pascoal, transformando 22.500 hectares de terras tradicionalmente ocupadas pelos Pataxós em unidade de conservação (LEAL *et al.*, 2004).

Localizada entre os rios Trancoso e Caraíva, a APA Caraíva-Trancoso apresenta elevada diversidade de ambientes flúvio-marinhos e remanescentes da Mata Atlântica. Segundo Leal *et al.* (2004, p. 10), a APA possui grande relevância dentro do corredor ecológico, ao constituir "uma zona de amortecimento entre um pólo turístico bastante desenvolvido [...] e o complexo da área Indígena Pataxó – PARNA Monte Pascoal".

O ecoturismo representa uma atividade de grande potencial nas áreas analisadas, tendo despertado o interesse de diversos projetos voltados à sustentabilidade e conservação ambiental. Um exemplo emblemático é a Reserva Extrativista Marinha do Corumbau, cuja entrada requer a assinatura de um termo de responsabilidade ambiental, como observado durante a atividade de campo. Tais medidas visam preservar os recursos naturais quase intocados e conservar a paisagem tal como observada pelos primeiros colonizadores. Leal *et al.* (2004, p. 8) destacam o PRODETUR I como uma das iniciativas nesse sentido. Financiado pelo Governo Estadual, o programa busca promover a ordenação urbanística e o controle do fluxo turístico, especialmente em localidades como Caraíva, definida como um destino de baixa densidade cuja conservação depende de ações preventivas e sustentáveis.

Adicionalmente, constatou-se a atuação de atividades antrópicas na bacia do rio Caraíva, com predominância de práticas agropecuárias e silvicultura. Em 1990, segundo Nunes *et al.* (2022, p. 4), a classe de uso do solo correspondente à pastagem ocupava cerca de 800 km² da bacia. No entanto, em 2018, essa área foi reduzida para aproximadamente 443 km², em virtude do avanço da agricultura perene, da silvicultura de eucalipto e do aumento da cobertura por vegetações florestais iniciais e médias. Esse crescimento foi impulsionado, sobretudo, pela criação da APA Caraíva-Trancoso e pela implementação do novo Código Florestal, que passou a exigir ações de preservação ambiental como contrapartida para certificações internacionais no setor de silvicultura.

Esses dados corroboram a necessidade de políticas de gestão eficazes voltadas à preservação da qualidade e da quantidade dos recursos hídricos da bacia. Conforme ressaltam Silva *et al.* (2021), esse processo exige a adoção de estratégias conservacionistas, a ampliação do saneamento ambiental e a articulação entre diferentes instrumentos de gestão territorial e ambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do trabalho de campo contribuiu de forma significativa para o aprofundamento da compreensão dos processos hidrológicos, ecológicos e socioespaciais que conformam a dinâmica da bacia hidrográfica do rio Caraíva. A vivência *in loco* revelou-se essencial para a articulação entre os conhecimentos teóricos desenvolvidos em sala de aula e as observações empíricas realizadas diretamente no território, favorecendo uma formação geográfica mais crítica, reflexiva e comprometida com as questões socioambientais.

Nesse sentido, destaca-se a relevância da gestão integrada das bacias hidrográficas, fundamentada na participação efetiva de diversos atores sociais, como estratégia para a conservação dos recursos hídricos e a promoção da sustentabilidade ambiental. A experiência relatada neste resumo expandido foi fundamental para a consolidação dos conteúdos da disciplina, ao evidenciar que, embora o conhecimento teórico seja indispensável, sua efetiva aplicação depende da capacidade de interpretar e intervir nas realidades concretas.

As análises realizadas evidenciaram a complexidade ambiental e a diversidade ecológica que caracterizam a bacia do rio Caraíva, reforçando a necessidade de abordagens interdisciplinares e adaptativas para sua gestão. Os estudos de Leal *et al.* (2004) e Gouvêa (1976, citado por Leal *et al.*, 2004) contribuíram para a compreensão da formação vegetal e das unidades de conservação presentes no território, ressaltando o valor histórico, ambiental e cultural da floresta ombrófila densa e dos ecossistemas associados. As contribuições de Nunes *et al.* (2022) também se mostraram fundamentais ao evidenciar as transformações no uso e ocupação do solo, bem como os avanços em ações conservacionistas impulsionadas pela criação de áreas protegidas e pela aplicação do novo Código Florestal.

Conforme argumentam Silva *et al.* (2021), estratégias de gestão ambiental fundamentadas no diagnóstico, monitoramento e planejamento participativo são essenciais não apenas para a preservação da bacia do rio Caraíva, mas também para a proteção de territórios interconectados, reafirmando o papel da ciência geográfica na construção de alternativas sustentáveis e socialmente comprometidas com os desafios contemporâneos.

REFERÊNCIAS

LEAL, J. S. Influência das características físicas e socioeconômicas na ocupação e no uso da terra das bacias hidrográficas dos rios Caraíva e Corumbau no Sul da Bahia. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMORFOLOGIA, 5., 2004, Rio Grande do Sul. **Anais....** São Paulo: União da Geomorfologia Brasileira, 2004. Disponível em: http://lsie.unb.br/ugb/sinageo/5/2/Josimeire%20da%20Silva%20Leal.pdf. Acesso em: 2 jul. 2024.

NUNES, E. J. *et al.* Uso e ocupação do solo na bacia hidrográfica do rio Caraíva, Bahia, Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENGENHARIA AGRÍCOLA, 51., 2022, Rio Grande do Sul. **Anais....** São Paulo: Associação Brasileira de Engenharia Agrícola, 2022. Disponível em: https://conbea.org.br/anais/publicacoes/conbea-2022/anais-2022/geoma-tica-instrumentac-a-o-e-agricultura-de-precisa-o-giap/3369-uso-e-ocupacao-do-solo-na-bacia-do-rio-caraiva-bahia-brasil/file. Acesso em: 2 jul. 2024.

BRASIL. Ministério das Minas e Energia. **Projeto RadamBrasil: levantamento de recursos naturais.** Rio de Janeiro: DNPM, 1973. v. 1.

SILVA, F. *et al.* Gestão de recursos hídricos e manejo de bacias hidrográficas no Brasil: elementos básicos, histórico e estratégias. **Revista Brasileira de Geografia Física**, Recife, v. 14, n. 3, p. 1626-1653, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/rbgf/article/view/248864. Acesso em: 27 maio 2024.